**22/12/2020**

**Se tivermos reuniões e encontros para celebrar as festas de fim de ano, poderemos ter uma catástrofe ainda maior em janeiro”, afirma especialista**

O Brasil está se aproximando da marca de 200 mil mortes por Covid-19 e, de acordo com o Ministério da Saúde, até essa segunda-feira (21/12) se depara com dois novos casos de reinfecção no País e 58 casos suspeitos em análise.

Depois de um ano muito difícil, as pessoas iniciaram um processo de relaxamento das formas de controle da COVID-19 que parecem simples, mas são essenciais. Segundo o médico sanitarista e professor de Saúde Pública do Centro Universitário São Camilo, as próprias ações do governo fizeram com que as pessoas saíssem de casa: “Os erros de progressão do fim do isolamento foram importantes e não foram bem analisados. O governo acabou passando a impressão de controle e calmaria e, nos últimos meses, as pessoas assumiram uma cultura de que estão invulneráveis, sobretudo jovens. Houve uma grande circulação e interação das pessoas e com isso o aceleramento da transmissão do vírus na sociedade. O uso da máscara, o distanciamento social e a lavagem frequente das mãos sempre que estiver fora de casa tem que ser um novo hábito na vida de todos, até que tenhamos uma vacina com comprovação científica de sua eficácia e tempo de proteção”.

No mês de dezembro,  o Brasil voltou a ter a quantidade de óbitos que tinha no início da pandemia, quando o descontrole era absoluto, mesmo com todos os avanços, inclusive nas terapias. “Tínhamos melhorado a mortalidade, que havia caído 30%, o que torna esses óbitos de hoje uma informação mais grave do que seria há sete meses. O vírus está com uma circulação extrema e não há nenhum indício de que as autoridades irão controlar a circulação das pessoas. Nós vemos isso por meio do estímulo do comércio popular totalmente sem critério. Existe um recrudescimento, um aumento importante da transmissão do vírus na comunidade, sobretudo nos jovens. A epidemia está em um modo rápido e avassalador. ” afirma Zanetta.

Para as festas de fim de ano, o professor faz um alerta: “Se tivermos reuniões e encontros para celebrar as festas de fim de ano, nós podemos ter uma catástrofe ainda maior em janeiro. Não é possível ter uma reunião familiar ou mesmo uma pequena reunião se as pessoas que estão presentes, circularam desprotegidos entre os comércios e atividades, mesmo que só algumas vezes, nos 14 dias que antecedem esses encontros. Isso pode se transformar numa bomba relógio de casos de COVID-19. Esperamos que isso não aconteça, mas o comportamento do vírus e as informações cientificas que temos disponíveis, todas apontam nesse sentido. É preciso muito cuidado e muito respeito com a epidemia. Só faça reuniões familiares e sociais com pessoas que estejam totalmente protegidas e que não tenham se exposto durante este período”.

Sobre os testes que podem ser realizados até mesmo em farmácias antes das saídas, o professor esclarece que: “Não adianta fazer teste sorológico antes, pois o único que detecta o vírus é o PCR, que não está disponível para todas as pessoas, mas que também tem uma sensibilidade de quase 70%, o que significa que 1/3 das pessoas mesmo fazendo o teste podem estar com falso negativo”.

Por fim, como especialista na área, Sérgio Zanetta relata que esses atos comportamentais poderiam ser criminalizados a fim de conter a transmissão do vírus: “Todo e qualquer tipo de festas e encontros são crimes contra a Saúde Pública e tratados apenas como um delito comportamental, que as autoridades públicas deixam de criminalizar. A polícia e a Vigilância Sanitária não agem da forma correta e estão recolhidas pelo Estado”.